

USOS TRADICIONAIS DA CABAÇA/COITÉ (*Crescentia cujete* L. - BIGNONIACEAE) NO BRASIL

GERMANO GUARIM NETO¹

RESUMO - *Crescentia cujete* L. é uma planta que ocorre preferentemente em áreas ribeirinhas no Brasil. Este estudo objetiva salientar aspectos de formas de uso da mesma, em áreas das regiões norte, nordeste, centro oeste e sudeste do país. Seu uso principal é através dos frutos, para diferentes fins. Entretanto, a espécie tem ainda potencial ornamental.

Palavras-chave: cabaça. Usos. Frutos.

ABSTRACT (Traditional uses of cabaça/coité (*Crescentia cujete* L. – Bignoniaceae) in Brazil) - *Crescentia cujete* L. is a plant that occurs preferably in riverside areas in Brazil. This study aims to highlight aspects of ways of using it, in areas of the North, Northeast, Midwest and Southeast regions of the country. Its main use is through fruits, for different purposes. However, the species has ornamental potential.

Keywords: cabaça. Uses. Fruits.

¹Professor Titular Aposentado. Departamento de Botânica e Ecologia, Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá-MT

INTRODUÇÃO

A família Bignoniaceae e suas espécies vêm sendo tratadas sob diferentes aspectos, por exemplo, nos trabalhos de Linnaeus (1753) que trata especificamente da espécie ora em estudo, Gentry (1980), Lohmann (2015).

É uma família que abrange cerca de 33 gêneros e 417 espécies (FLORA DO BRASIL, 2020), de hábitos diversificados, desde plantas delgadas até trepadeiras, arbustos e altas árvores, sendo as mais comuns aquelas denominadas de ipês, de cores variadas. Tem sido registrada com seus membros nos biomas do cerrado, amazônia e mata atlântica.

Entre as espécies da família, de uso tradicional, está *Crescentia cujete* L., utilizada pelas populações humanas através dos tempos, especialmente nas regiões norte, nordeste, sudeste e centro-oeste brasileiras.

O objetivo deste trabalho é destacar as formas de uso desta espécie e sua valorização através das culturas de populações humanas que habitam ambientes diversificados do território brasileiro.

METODOLOGIA

Inicialmente foram buscados os dados do Grupo de Pesquisas da Flora, Vegetação e Etnobotânica (FLOVET) e coletados outros dados por meio de intensa pesquisa da literatura nacional e mais especificamente de pesquisas realizadas em Mato Grosso, onde dados foram coletados *in loco* em diferentes comunidades, como Cuiabá, Santo Antônio de Leverger, Chapada dos Guimarães, Poconé, Barão de Melgaço, Nossa Senhora do Livramento entre outras.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O uso da espécie em território brasileiro (tabela 1), pelo estudo ora realizado concentra-se pelas regiões norte (Amazonas e Pará), nordeste (Pernambuco, Rio Grande Norte, Bahia e Paraíba), centro-oeste (Mato Grosso e Goiás), sudeste (Minas Gerais e Rio de Janeiro). Em Mato Grosso, conforme Figura 1.

Figura 1. *C. cujete* L. Comunidade de São Gonçalo Beira Rio, Cuiabá-MT



Acervo do autor.

A Tabela 1. Utilizações da espécie em diferentes localidades brasileiras.

Estados	Partes usadas	Formas de usos
Mato Grosso	Fruto	Utensílio doméstico; artesanato; medicinal
	Sementes	Isca de pesca
	Planta toda	Ornamental
	Não informado	Medicinal
Pernambuco	Não informado	Medicinal
Rio Grande do Norte	Não informado	Medicinal
	Planta toda	Ornamental
Amazonas	Fruto	Diversas, especialmente em utensílios domésticos – as cuias
	Folha	Medicinal
Paraíba	Folha	Medicinal
	Fruto	Artesanal
Minas Gerais	Planta toda	Ornamental
	Fruto	Medicinal (em animais)
Pará	Fruto	Utensílios domésticos - as cuias, principalmente; artesanal; medicinal (com cuidado)
Rio de Janeiro	Não informado	Medicinal
Goiás	Planta toda	Ornamental
	Fruto	Medicinal (em animais)
Bahia	Fruto	Preparação do berimbau

Sob diferentes utilizações destacam-se os frutos (Figura 2), sendo que a planta é ornamental. Entretanto, vale salientar a importância da espécie principalmente na região norte onde os frutos são utilizados para a fabricação das cuias e ainda em artesanatos.

Figura 2. *Crescentia cujete* L. cultivada no jardim de um hotel em Cuiabá-MT



Acervo do autor.

Os dados de literatura foram compilados das publicações de Almeida; Albuquerque (2002); Lombardi; Morais (2003); Guarim Neto (2006); Souza; Guarim Neto (2010); Pasa (2011); Freitas (2011); Andrade (2012); Leitão et al. (2014); Moreira (2017); Vásquez et al, (2014); Silva; Miranda (2016); Campos et al. (2016) e Batista et al. (2017) tratando especificamente dos usos de *Crescentia cujete* L.

Vale salientar a contribuição de Quattrochi (2000) a qual aponta entre muitas outras a presente espécie, na sua extensa obra sobre plantas do mundo.

CONCLUSÃO

A pesquisa realizada aponta que *Crescentia cujete* L. tem ampla distribuição no Brasil e com diversificadas formas de uso.

Os frutos são as partes mais utilizadas e sevem para diferentes finalidades.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, C. F. C. B. R.; ALBUQUERQU, U, P, Uso e conservação de plantas e animais medicinais no estado de Pernambuco (nordeste do Brasil): um esyudo de caso. *Interciencia*, v. 27, n. 6, p. 276-285, 2002.

ANDRADE, S. E. O.; MARACAJÁ, P. B.; SILVA, R.A.; FREIRES, G. F.; PEREIRA, A. M. Estudo de plantas medicinais na comunidade Várzea Comprida dos Oliveiras, Pombal, Paraíba, Brasil. *Revista Verde*, v. 7, n. 3, p. 46-52, 2012.

BATISTA, F. T.; LACERDA, G. D.; SILVA, J. R. S.; RODRIGUES, L. P. T.; FEITOSA, T. P.; MUSTAFA, V. S. O uso de plantas medicinais na medicina veterinária: riscos e benefícios. *Revet*, v. 4, n. 2, p. 62-74, 2017.

CAMPOS, G. S.; OLIVEIRA JR., S. A.; BORGES, L. P. B.; RIBEIRTO, I. P.; MARTINEZ, S. B.; AYER, I. M.; VIANA. T. V. L.; BONATO, D. V.; CUNHA, M. S.; VRISMAN, D. P.; ARAUJO, A. H.; TAIRA, A, R.; TEIXEIRA, P. P. Uso do extrato de coité (*Crescentia cujete*) como fitoterápico em feridas de equinos. *Revista Investigação*, v. 15, n. 4, p. 95-97, 2016.

FLORA DO BRASIL 2020. *Lista de Espécies da Flora do Brasil*. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil>>.

FREITAS, A. V. L.; COELHO, M. F. B.; MAIA, S. S. S.; AZEVEDO, R. A percepção dos quintais rurais por crianças de São Miguel, Rio Grande do Norte, brasil. *Revista Verde*, v.6, n.2, p.212 – 220, 2011.

GENTRY, A. H. Bignoniaceae (part 1). *Flora Neotropica*, v. 2, n.1, p: 90-94, 1980.

GUARIM NETO, G, O saber tradicional pantaneiro: as plantas medicinais e a educação ambiental. *Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient.* V. 7, p.71-89, 2006;

LEITÃO, F.; LEITÃO, G.; FONSECA-KRUEL, V. S.; SILVA, I. M.; MARTINS, K. Medicinal plants traded in the open-air markets in the State of Rio de Janeiro, Brazil: an

overview on their botanical diversity and toxicological potential. *Revista Brasileira de Farmacognosia*, v. 24, n. 2, p. 225-247, 2014.

LINNAEUS, C. F. *Species Plantarum*, v. 2, p. 626, 1753.

LOHMANN, L.G. 2015. Bignoniaceae in *Lista de Espécies da Flora do Brasil*. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil>>.

LOMBARDI, J. A.; MORAIS, P. O. Levantamento florístico das plantas empregadas na arborização do Campus da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG. *Lundiana*, v. 4, n. 2, p.83-88, 2003.

MOREIRA, P. A. *História evolutiva das árvores de cuia (Crescentia cujete): uma integração entre genótipo, ambiente e cultura*. Tese de Doutorado, 132f. Manaus/INPA, 2017.

PASA, M. C. Abordagem etnobotânica na comunidade de Conceição-Açu, Mato Grosso, Brasil. *Polibotânica*, n. 31, p. 169-197, 2011.

QUATTROCHI, U. *CRC world dictionary of plant names: common names, scientific names, eponyms, synonyms and etymology*. Volume I A –C. London, CRC Press. 2000, 642 p.

SILVA, G. R. C.; MIRANDA, S. C. A vegetação lenhosa em quintais urbanos no município de Itapuranga - GO: composição florística e usos. *Revista Cultivando o saber*, v. 9, n. 2, p. 158-170, 2016.

SOUZA, L. F.; GUARIM NETO, G. Plantas ornamentais e místicas I – um estudo etnobotânico em comunidades ribeirinhas Cuiabá, Mato Grosso, Brasil. *Flovet*, n.2, p.1-68, 2010.

VÁSQUEZ, S. P. F.; MENDONÇA, M. S.; NODA, S. Etnobotânica de plantas medicinais em comunidades ribeirinhas do município de Manacapuru, Amazonas, Brasil. *Acta Amazonica*, v. 44, n. 4, p. 457-472, 2014.